

Quarta-Feira – 27/06/2012

Karoline Queiroz e Silva

Orientador da pesquisa: Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira
Universidade Federal do Ceará

TÍTULO DO PAINEL: Entre O Erudito E O Popular: A Caminhada Da Seca De Senador Pompeu – Ce E A Questão Do Patrimônio Imaterial

RESUMO: Desde 1982, em todo segundo domingo do mês de novembro, na cidade de Senador Pompeu – CE ocorre a “Caminhada da Seca”. Trata-se de uma celebração religiosa em lembrança aos flagelados do Campo de Concentração do Patu que padeceram diante da grande seca ocorrida em 1932. A procissão tem início na Igreja Matriz e percorre um caminho de aproximadamente 4 km chegando ao Cemitério da Barragem para missa campal. O mesmo foi construído em 1980 em homenagem às “almas da barragem” como são chamados os falecidos em 1932, para a missa campal. Desde o primeiro evento o número de fiéis que participam da procissão só aumenta. A celebração é dotada de simbolismos que, em sua maioria, remetem ao Campo de Concentração de 1932 e aos mortos, como a oferenda de água ao final da missa campal para que a terra seca tenha “vida”, por exemplo. Após a instituição do Decreto-lei nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 que cria o Registro do Patrimônio Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, as discussões a respeito da preservação e registro de bens dessa natureza ganharam força, apesar da existência anterior do Artigo 216, da Constituição Federal de 1988, que assegurava a preservação do patrimônio material e imaterial e os debates ocorridos desde o Movimento Modernista, personalizados na figura de Mário de Andrade. O objetivo primordial dessa pesquisa consiste na análise dos rituais presentes na Caminhada da Seca como, por exemplo, as paradas realizadas em seu percurso para orações. A questão da memória coletiva será vista como um dos elementos constituintes desses rituais. A partir do embate das fontes e da bibliografia, emergiram questionamentos tais como: a caminhada pode ser entendida como uma tradição, dotada de referenciais culturais para os participantes? Se sim, podemos entendê-la como constituinte de uma identidade local? Com isso, podemos pensar um processo de patrimonialização da caminhada?